

4 Pragmatismo, Hispanidade e Antiamericanismo

Neste capítulo, observaremos que houve um fator pragmático na política externa franquista para Cuba, em especial quanto às relações econômicas. Na primeira seção, examinaremos autores que investigaram exclusivamente o “oportunismo pragmático” da política externa franquista numa perspectiva geral, sem examinar especificamente o caso cubano. Na seção seguinte, observaremos como tal elemento conjuga-se às variáveis identitárias a fim de explicar a manutenção das relações entre Espanha e Cuba pós-Revolução, baseando a análise em Joaquín Roy, Eric Baklanoff e Cristina Fuster Polvoreda. Segundo eles, a Espanha franquista mantém as relações com Cuba no período em foco nesta dissertação, porque, além do antiamericanismo e da hispanidade que perpassam o relacionamento entre os dois países, o líder espanhol tinha, na sua política externa, flexibilidade para se adaptar às circunstâncias internacionais e, ao mesmo tempo, criar meios para salvar o país da crise econômica em que estava imerso. Cuba, além de ser a “filha querida” do império espanhol, era também um mercado para os produtos que a Espanha não podia colocar tanto na Europa quanto na América devido à presença norte-americana e às políticas protecionistas.

4.1. Oportunismo pragmático

Segundo Armero²¹⁹, num mundo que havia mudado profundamente desde que Franco subiu ao poder, o regime franquista manteve-se na Espanha como um fantasma do passado, um anacronismo sem equivalência com qualquer outro regime, à exceção de Portugal. A política externa franquista havia permitido a sobrevivência do regime, mas a Espanha encontrava-se absolutamente só do ponto

²¹⁹ ARMERO, J.M. *La Política Exterior de Franco*. Barcelona: Editorial Planeta, 1978. p.90.

de vista diplomático. Sua política externa havia sido elaborada com o objetivo – plenamente atingido – de salvar a posição pessoal do general.

Com Armero, concordam Pérez-Díaz e Rodríguez²²⁰, que chamam a política externa praticada por Franco de “oportunismo pragmático”. Esse seria a aplicação da visão de Franco sobre a realidade às tarefas de controle da situação doméstica e de sobrevivência no cenário internacional; na prática, manter o regime internamente e se integrar à comunidade internacional. Segundo Fernando Morán:

(...) [F]icou evidente que, se o regime franquista não tivesse procurado encaixar-se no sistema internacional, não teria sobrevivido tanto tempo. Sempre que os Estados Unidos ou a Europa não apoiavam a política externa franquista, o governo espanhol logo declarava estar disposto a ceder a qualquer pedido, dado que sempre desejou entrar no grupo das nações do mundo ocidental. A imagem externa criada pelo regime franquista era de um regime vassalo aos interesses ocidentais, não defensável ideologicamente, mas útil por sua posição estratégica²²¹.

Morán afirma ainda que as potências médias não possuem a mesma capacidade de ação em política externa quanto as grandes potências, mas, por outro lado, têm uma flexibilidade e uma série de possibilidades que faltam às grandes²²². Nessa perspectiva, Franco definiu as políticas que considerava mais apropriadas a cada situação, adaptando-as com facilidade às circunstâncias. As próprias estruturas políticas estabelecidas durante o franquismo representavam esse “caminho pragmático”. Como não formulou um sistema verdadeiro, abrangente e constitucional, Franco teve grande flexibilidade para lidar com situações de mudança tanto domésticas quanto externas²²³.

Em relação à dimensão doméstica, sabemos que qualquer governante, por mais poderoso que seja, tem por trás de si uma base social, política e econômica que o coloca no poder e que o sustenta nessa posição. No caso de Franco, foram

²²⁰ PÉREZ-DÍAZ, V.; RODRÍGUEZ, J.C. From reluctant choices to credible commitments: foreign policy and economic and political liberalization – Spain: 1953-1986. In: KAHLER, M. (Ed). **Liberalization and Foreign Policy**. Nova York: Columbia University Press, 1997. p.193-233.

²²¹ MORÁN, F. **Una Política Exterior para España**. Madri: Editorial Planeta, 1980. p.19.

²²² MORÁN, F. Princípios de la Política exterior español. In: ROSEMBERG, R.L. **Spain and Central America: Democracy and Foreign Policy**. Nova York: Greenwood Press, 1992. p.143.

²²³ MONTANER, C.A. The Spanish Transition and the Case of Cuba: Spain and Cuba Parallel Stories. **Research Studies**. Miami: University of Miami Institute for Cuban and Cuban-American Studies. Disponível em: <<http://ctp.iccas.miami.edu/ResearchStudies/CAMontaner.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

as “famílias”: o Exército, a Falange, os latifundiários, a Igreja e o grande capital comercial, financeiro e industrial. Esses grupos tinham interesses que Franco deveria satisfazer, e isso dependia da política externa que praticasse. Com o apoio das “famílias”, Franco pôde definir as políticas que considerava mais apropriadas para cada situação. Ele se colocava como o árbitro entre tais grupos, visando a atingir o equilíbrio entre eles, redirecionando e manipulando a pressão que exerciam a fim de manter o regime político e seu poder pessoal. Seu compromisso com os princípios e com as instituições políticas pode ter sido genuíno, mas Franco mostrava-se subordinado à sua disposição de se mover cuidadosamente e de focar seus principais objetivos de longo prazo.

Com respeito à dimensão externa, Franco mostrou-se também ansioso por aproximar-se dos Estados Unidos. Com o fim a Guerra, esperou que a ajuda internacional beneficiasse a economia espanhola. Para isso, denominou seu país como “a sentinela do Ocidente” e deixou claro que negociaria com as nações capitalistas no sentido de agir como ponto estratégico contra a possibilidade de a União Soviética expandir sua influência na Península Ibérica e no norte da África. Isso apenas surtiu efeito na metade da década de 1950, como vimos anteriormente²²⁴. Além disso, é importante notar que havia uma compatibilidade do regime franquista com a economia capitalista: a postura antiliberal da coalizão era mais política que econômica, ao passo que as inclinações anticapitalistas da Igreja e dos falangistas acomodavam-se à longa tradição de intervencionismo estatal na economia, compatível com os interesses das classes dominantes – os setores industrial, agrícola e financeiro. Tais classes estavam interessadas na economia de livre mercado, mas se mostravam satisfeitas com a regulação do mercado de trabalho, a repressão a greves e a perseguição de sindicatos.

Finalmente, as escolhas estratégicas de Franco foram a liberalização econômica e a ligação da Espanha ao Ocidente²²⁵. Com a Guerra Fria, as elites políticas e socioeconômicas no Ocidente, principalmente nos EUA, chegaram à conclusão de que o realismo, o anticomunismo e o nacionalismo de Franco mereciam algum tipo de reconhecimento e de apreciação, na condição de que sua

²²⁴ BROUÉ, P. **A Revolução Espanhola (1931-1939)**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992. p.65.

²²⁵ Franco seria antiliberal internamente, mas liberal no âmbito externo. Aí entra Cuba, um mercado potencial para absorver a produção de uma economia em expansão.

postura pró-capitalista se ampliasse e na esperança de que seu pluralismo limitado cedesse espaço ao regime liberal. Segundo Franco, era necessário agora maiores sensibilidade e pragmatismo, porém coerentes com a estratégia conservadora, estatal e nacionalista: maior relação com instituições internacionais, austeridade fiscal e liberalização da economia espanhola, com a eliminação dos controles de preços e a liberalização do comércio exterior, tornando a Espanha mais atraente aos investidores estrangeiros²²⁶. Os políticos franquistas acreditavam que o crescimento econômico contribuiria para legitimar o Estado espanhol, pois isso satisfaria amplos interesses, e um período prolongado de estabilidade poderia pelo menos atenuar os sentimentos associados às memórias de sofrimento e de penúria da Guerra Civil e do período pós-guerra, mesmo nos grupos sociais derrotados.

4.2. Pragmatismo e Hispanidade

A Espanha tem relações com Estados, não com Governos.
Francisco Franco Bahamonde²²⁷

A manutenção da relação entre dois regimes de posturas políticas e ideológicas tão radicalmente opostas, o franquista e o castrista, contrariou todas as expectativas, e ainda são objeto de especulação as supostas motivações, reais ou imaginadas, para que os dois líderes decidissem manter o vínculo, apesar das suas diferenças ideológicas e dos incidentes sonoros²²⁸.

Para explicar a manutenção de tal relação, Joaquín Roy apóia-se em dois pontos: a “política pragmática” de Franco, que privilegia as razões econômicas, e a grande ligação histórica e afetiva entre esses dois países, a “relação especial”²²⁹.

²²⁶ Como ilustração, os autores Benny Pollock e Graham Hunter afirmam: “Nos Estados Unidos, a luta pelo reconhecimento da Espanha foi encabeçada pelos executivos de importantes multinacionais como a Coca-Cola, pela Câmara de Comércio, por políticos influentes, pelas Forças Armadas e pelos diplomatas ligados ao Vaticano. POLLOCK, B.; HUNTER, G. **The Paradox of Spanish Foreign Policy**: Spain’s International Relations from Franco to Democracy. Nova York: St.Martin’s Press, 1987. p.43.

²²⁷ FRANCO SALGADO-ARAÚJO, F. **Mis Conversaciones Privadas con Franco**. Barcelona: Planeta, 1976. p.311.

²²⁸ ROY, J. **Cuba y España**: percepciones e relaciones. Madri: Editorial Playor, 1995. p.12.

²²⁹ ROY, J. **La siempre fiel**: un siglo de relaciones hispanocubanas (1898-1998). Madri: Los Libros de la Catarata/IUDC/UMC, 1999. p.6.

Como já vimos anteriormente, tanto em Cuba quanto na Espanha, nem mesmo eventos como a ruptura de 1898 significaram uma total quebra dos laços que uniam os dois países²³⁰. Para Roy, a política externa da Espanha em relação a Cuba possui características peculiares que as tornam importantes dentro do processo das relações Espanha/América. Cuba foi a penúltima colônia americana a se separar, o que aconteceu muitos anos depois que as outras²³¹. Por terem permanecido unidas por mais tempo, Cuba e Espanha criaram laços muito mais estreitos. Também há o fato de Cuba ter sido perdida de forma traumática para os Estados Unidos numa guerra que teve grande repercussão interna no país ibérico. Assim, tão logo Cuba se torna independente (1903), a Espanha busca consolidar e intensificar suas relações com esse país²³².

A “relação especial” – termo cunhado por Roy – entre os dois países comprova-se em 1959, por ocasião da revolução liderada por Fidel Castro, e mesmo em 1961, quando o governo cubano declara-se comunista. Apesar de a Espanha ter um regime ditatorial de direita e ainda diante do contexto da Guerra Fria, das pressões dos Estados Unidos e do bloqueio comercial que promoveram contra Cuba, Franco não rompe com Havana. Na verdade, para o autor, nem tudo é lógico e rotineiro nas relações entre Madri e Havana²³³.

Dentre os fatores que justificam tal “relação especial”, cumpre lembrar que Cuba foi o país da América que recebeu o maior número de imigrantes espanhóis. Isso, segundo Roy, teria transformado tal país numa “parte insular” da Espanha. Os imigrantes aí prosperaram e passam a enviar divisas para os parentes espanhóis. Portanto, eram muitos os interesses econômicos espanhóis em Cuba. Em consequência dessa imigração, há entre Espanha e Cuba uma relação de fidelidade mútua, além de fortes ligações históricas.

Outro ponto que o autor destaca é que Franco pertencia a uma geração marcada pela derrota na guerra de 1898 contra os Estados Unidos. Por isso, tinha

²³⁰ MONTANER, C.A. The Spanish Transition and the Case of Cuba: Spain and Cuba Parallel Stories. **Research Studies**. Miami: University of Miami Institute for Cuban and Cuban-American Studies. Disponível em: <<http://ctp.iccas.miami.edu/ResearchStudies/CAMontaner.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

²³¹ Com exceção de Cuba e de Porto Rico, todas as colônias espanholas na América já tinham se tornado independentes até 1838.

²³² ROY, J. A outra cara do embargo. **Envolverde website**, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.envolverde.com.br/colonistas/arquivo/C54502.htm>>. Acesso em: jan. 2004.

²³³ ROY, J. España y Cuba: una relación muy especial? **Anuarios CIDOB d'Afers Internacionals**, n.31, p. 1, 1996.

“uma espinha encravada na garganta” por ter sido obrigado a se colocar sob a égide desse país, o qual depreciava por estar supostamente dominado por “protestantes, maçons e judeus”²³⁴. Franco sofreu o boicote inicial sob o governo do presidente Harry Truman – um maçom²³⁵ –, que vetou a entrada da Espanha na Otan e na ONU. Assim, manter a relação com Cuba, justificando-a por razões históricas, era também uma maneira “não muito cara de fazer birra para Washington”²³⁶.

Uma outra razão mais pragmática seria a cobrança da dívida, que crescera progressivamente, tanto pelas expropriações quanto pela carência de pagamentos em dia das trocas comerciais. Assim, a relação econômico-comercial manteve-se, porque Cuba era um mercado adequado para produtos que a Espanha não podia colocar na Europa e que não eram competitivos na América, devido à oferta de bens dos Estados Unidos e às limitações das políticas protecionistas. A recíproca era verdadeira: Cuba, com o embargo norte-americano, não poderia prescindir de qualquer parceiro comercial.

Carles Arbo reforça o argumento de Roy:

Apesar das mudanças políticas – o regime de Franco e a Revolução Cubana – os vínculos históricos sempre tiveram grande influência na continuação de relações muito especiais entre os dois países, desde a Guerra Civil Espanhola. A Espanha não só não rompeu relações diplomáticas com Cuba, como também, nos períodos de maior isolamento e confrontação ideológica, Madri se tornou o primeiro parceiro comercial de Havana. A Política Externa espanhola para Cuba evoluiu desde o tempo da política de substituição de importações e da legitimização do regime. A justificativa para o aumento das relações comerciais, da ajuda e dos acordos políticos parece se basear tanto em boas oportunidades de negócios, quanto em obrigações históricas e tradicionais. É evidente que, examinando as relações econômico-comerciais da Espanha, nota-se que Cuba ocupa um lugar proeminente na região. Essa relação também é fruto de um diálogo político genuíno. Isso é devido em parte à importância militar-estratégica de Cuba na região, mas também resulta da aceitação e do apoio à revolução, um legado das contradições do regime de Franco.

Cuba compartilha a maioria dos problemas econômicos endêmicos na região, uma pequena ilha, com uma economia altamente dependente de produtos primários, e, além disso, enfrenta um bloqueio econômico. Porém, Cuba é um estado-chave no Caribe da perspectiva das Relações Internacionais. Do ponto de vista cubano,

²³⁴ TAMAMES, R. La República: La Era de Franco. In: ARTOLA, M. (Org). **Historia de España**. v.7. Madri: Alianza Editorial, 1988. p.56.

²³⁵ TAMAMES, R. La República: La Era de Franco. In: ARTOLA, M. (Org). **Historia de España**. v.7. Madri: Alianza Editorial, 1988. p.56.

²³⁶ ROY, J. A outra cara do embargo. **Envolverde website**, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.envolverde.com.br/colonistas/arquivo/C54502.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2004.

promover estreitas relações com a Espanha pode ser visto como a busca de dois objetivos importantes da Política Externa da ilha: a sobrevivência do governo revolucionário e o desenvolvimento econômico²³⁷.

Ale disso, como aponta Roy, é de se notar que essas relações não só se mantiveram, como sobreviveram ao grave incidente diplomático provocado pelo embaixador Lojendio, cujas repercussões internacionais já foram examinadas na introdução deste trabalho. A diplomacia espanhola da década de 1960 esteve mais preocupada em que o exemplo do México – que boicotou o regime espanhol desde a Guerra Civil até o final do franquismo – não contagiasse outras repúblicas latino-americanas na época do maior fascínio continental pelo modelo castrista. O enfrentamento com Havana teria reforçado o exílio republicano espanhol na América.

Outro ponto que chama atenção nas relações Cuba-Espanha no período em questão refere-se aos tratados firmados entre os dois países entre 1903 e 1975²³⁸. De um total de 66, 61 foram assinados durante o governo de Franco, sendo 37 após a Revolução Cubana e a liberalização econômica na Espanha. São tratados de diversos teores: comércio, finanças, turismo e comunicação, sobre os nacionais de cada país, e um de reconhecimento mútuo, paz e amizade, destacando-se o chamado “*Modus Vivendi* Comercial e de Pagamentos” a partir de 1959.

Antes de examinar mais especificamente esse último acordo, cumpre lembrar que cada Estado estava passando por importantes transformações em suas esferas econômico-comerciais: Cuba passa a fazer parte do CAME, e a Espanha ingressava nos mercados internacionais, devido aos processos de liberalização econômica e ao Plano de Estabilização. Assim, as importações e as exportações espanholas durante a década de 1960 foram voltadas para os países industrializados. A América Latina representava apenas 13% desse intercâmbio. Cuba, por sua vez, possuía um intercâmbio com as economias socialistas do CAME que alcançava cerca de 75-80%. Suas exportações para o mundo

²³⁷ ARBO, C. The ‘Special Relationship’: Spain and Cuba. **Papers archive**, 2001. Disponível em: <http://www.westga.edu/~dberenc/paper1.html#_edn1>. Acesso em: 24 ago. 2004.

²³⁸ Período que vai da Independência de Cuba à morte de Franco.

capitalista eram para o Japão, seguido da Espanha, do Canadá e da França. Já as importações vinham da Alemanha Ocidental, Inglaterra, Japão e Espanha²³⁹.

O “*Modus Vivendi* Comercial e de Pagamentos” consistia na aplicação recíproca da cláusula de “Nação Mais Favorecida” a direitos alfandegários, consulares e similares. Concediam-se garantias mútuas de proteção de produtos importados; para os produtos espanhóis tradicionalmente importados por Cuba, foram mantidos os direitos do Tratado Comercial de 1953. O intercâmbio Espanha/Cuba, desde a assinatura desse tratado, não esteve isento de problemas. Existia a impossibilidade de liquidar monetariamente os saldos cubanos, o que obrigou a Espanha a diminuir suas exportações para Cuba. Também as importações espanholas de açúcar cubano passaram por dificuldades, pois o bloqueio norte-americano pressionava os países capitalistas que comerciavam com Cuba; assim, muitos países europeus reduziram consideravelmente ou anularam suas relações comerciais e diplomáticas com tal país. O mesmo se deu com países latino-americanos. Porém, a Espanha manteve suas relações comerciais com Cuba, ainda que atos violentos tenham acontecido. Cedeu apenas em que fossem os navios cubanos – e não os espanhóis – que realizassem o transporte das mercadorias²⁴⁰.

De 1959 a 1975, os intercâmbios comerciais Cuba/Espanha vão se incrementando e adquirindo cada vez mais importância, com assinaturas de convênios e de tratados, concessões de créditos, pagamentos em mercadorias, entre outras medidas. Em 1964, Cuba era o principal parceiro da Espanha na América Latina. No âmbito dos países capitalistas, a Espanha era o segundo parceiro de Cuba, apenas atrás do Japão. O período entre 1973 e 1975 foi o ápice desse intercâmbio. Se no começo do regime castrista o saldo comercial era favorável a Cuba, em 1973 a situação se inverteu, sobretudo pela venda de maquinaria e de tecnologia tão necessárias para a industrialização de Cuba²⁴¹.

Examinando o período de relações hispano-cubanas em foco numa perspectiva geral, é possível dizer que o regime franquista inicia verdadeiramente

²³⁹ TAMAMES, R. La República: La Era de Franco. In: ARTOLA, M. (Org). **Historia de España**. v.7. Madri: Alianza Editorial, 1988.

²⁴⁰ TAMAMES, R. La República: La Era de Franco. In: ARTOLA, M. (Org). **Historia de España**. v.7. Madri: Alianza Editorial, 1988. p.43-44.

²⁴¹ TAMAMES, R. La República: La Era de Franco. In: ARTOLA, M. (Org). **Historia de España**. v.7. Madri: Alianza Editorial, 1988. p.45-46.

suas relações com Cuba a partir do ano da revolução. Isso não deixa de ser um contra-senso, pois a lógica seria a de que as relações tivessem maior intensidade com um regime do estilo do ditador Batista, que tinha certamente mais afinidade com as posições políticas e ideológicas franquistas que o de Castro. Embora essas relações estivessem baseadas majoritariamente nos interesses econômicos, respondiam também a um interesse político claro, pois Castro demonstrou sua capacidade de ultrapassar a dinâmica do mundo bipolar, relacionando-se com um Estado do bloco ocidental, e Franco, por sua vez, mostrava que podia praticar uma política exterior própria, sem estar tampouco submetido à lógica bipolar. Nesse contexto, o antiamericanismo dos dois regimes foi um dos elementos que os uniu para que ambos tentassem uma política independente dos blocos em que estavam respectivamente inseridos²⁴².

Além do antiamericanismo, a idéia dos laços histórico-culturais e as características comuns unem os dois Estados. Nas palavras de Sotillo, “Cuba é o país mais espanhol de toda a América Latina, e a Espanha é o país mais cubano de toda a Europa”²⁴³. A migração, por exemplo, foi um fator importante no momento de manter essa cultura espanhola na ilha e também em relação ao restabelecimento dos vínculos comerciais²⁴⁴. Tais laços tinham o objetivo de diminuir a importância dos Estados Unidos, considerados usurpadores daquilo que, por razões históricas, corresponde à Espanha e ao seu passado colonial naquela zona. Assim, Franco joga habilmente suas cartas em Cuba, enfrentando os Estados Unidos comercial e ideologicamente, enquanto, ao mesmo tempo, declara-se anticomunista.

Examinando o porquê da existência de laços hispano-cubanos tão fortes, Fuster Polvoreda afirma que o próprio processo de independência de Cuba diferenciou-se daqueles das outras colônias da Espanha. Por ter sido tardio, significou algo mais que a perda de um território colonial: simbolizou para os espanhóis durante muito tempo o ocaso do seu império. Soma-se a isso o fato de tratar-se da colônia onde a imigração espanhola foi mais intensa e importante,

²⁴² FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.47.

²⁴³ SOTILLO, J.A. Cuba: el fin de la historia?. **Cuadernos del Este**, Madri, n.6, p.83, 1992.

²⁴⁴ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.47.

como já foi visto. Outro dado importante era a não-existência de população indígena na ilha, o que retirou do processo de independência cubano a importância que o independentismo autóctone teve em outros países. Em Cuba, não aconteceu o rechaço ideológico “ao espanhol” durante o processo de independência. Prova disso são as palavras da figura máxima da independência cubana e seu ideólogo José Martí: “Ao espanhol em Cuba temos que temer...? Ao espanhol simples que ama a liberdade como nós a amamos e busca conosco uma pátria na justiça...?”²⁴⁵. Assim, a cultura espanhola manteve-se por meio da população espanhola na ilha e dos laços familiares, permitindo-se a manutenção do contato entre os dois Estados²⁴⁶. Cumpre lembrar que é também nessa época que nasce o antiamericanismo na Espanha, já que os Estados Unidos foram o país que lhe arrebatou Cuba. Tal antiamericanismo somou-se mais tarde ao que surgiu em Cuba devido à tutela e à dependência que os Estados Unidos impõem à ilha durante a primeira metade do século XX²⁴⁷.

Examinando especificamente as relações comerciais entre Espanha e Cuba, pode-se dizer que elas foram fluidas já durante a fase colonial, estabelecendo inclusive vínculos familiares que não se romperam após a independência, ainda que permeadas pela intervenção norte-americana. Segundo o economista Dario Sáez, esses vínculos perduram até hoje:

A proximidade cultural com a Espanha e o uso do mesmo idioma, assim como a existência de fortes relações familiares, criam um marco especialmente estreito entre os dois países que se reflete positivamente no funcionamento das relações econômicas bilaterais²⁴⁸.

Como aponta Fuster Polvoreda, as relações econômicas entre Espanha e Cuba foram um importante ponto de apoio para que as relações políticas frutificassem, mesmo nos momentos difíceis como a época do franquismo e do castrismo. Essas relações econômicas significaram uma válvula de escape para

²⁴⁵ Já citado no capítulo anterior.

²⁴⁶ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.137.

²⁴⁷ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.138.

²⁴⁸ SÁEZ MÉNDEZ, D.J. **Desarrollo reciente de la actividad empresarial española com Cuba**. Madri: ICE, 1994, p. 76.

Cuba diante da dependência da União Soviética durante a Guerra Fria e um meio de sobrevivência de muitas pequenas empresas espanholas dedicadas à fabricação de tecnologia de nível médio, que era o de que Cuba necessitava durante o processo de industrialização²⁴⁹. Segundo Roberto Mesa:

Cuba constitui uma importante exceção e um modelo de realismo do que poderiam ter sido as relações com o resto do continente; os intercâmbios econômicos atingem cifras de indubitável interesse para ambos os países; e, quanto ao aspecto político, constituem uma mostra de independência que não existe em outros setores da política exterior do regime franquista²⁵⁰.

Além desse pragmatismo, a política externa espanhola em relação a Cuba mostrou, muito mais que em outros países da América, a necessidade de se pôr em prática a idéia de autonomia em relação aos Estados Unidos. A guerra perdida deixou na memória coletiva espanhola um ressentimento em relação aos norte-americanos, que se refletirá no objetivo de atingir uma política externa autônoma na Hispano-América, principalmente em Cuba, fazendo frente às distintas iniciativas que os Estados Unidos foram implantando no continente. Embora esse enfrentamento tenha sido cauteloso devido às grandes diferenças de potencial político e econômico entre Espanha e Estados Unidos, a Espanha manteve seu interesse em se posicionar como vínculo entre a Europa e a Hispano-América.

Outro aspecto importante é o papel de mediador que a Espanha procura exercer em numerosas ocasiões. No diálogo Cuba/Estados Unidos, nunca teve êxito, embora tivesse se oferecido com a finalidade de terminar com o bloqueio. Porém, a importância internacional que a Espanha vai adquirindo à medida que se integra nos organismos internacionais permite uma postura mediadora entre Cuba e os países europeus²⁵¹. Para Cuba, era atrativo ter acordos comerciais e possuir uma via aberta com a Europa capitalista. Isso contribuiu para que as relações Franco/Castro se dessem com mais facilidade. Estava implícita a idéia de que

²⁴⁹ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.139.

²⁵⁰ MESA, R. **Democracia y política exterior en España**. Madri: Eudema, 1988. p.53.

²⁵¹ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.142.

nenhum dos dois iria interferir nos assuntos internos do outro enquanto existissem pactos comerciais e o interesse político de que fossem mantidos²⁵².

O pragmatismo nas relações diplomáticas espanholas também não teve tanta força em relação a outros países, assim como as fluidas relações econômicas²⁵³. Os importantes interesses econômicos espanhóis na ilha impediram que o Estado espanhol se manifestasse contra Castro e seu regime. Cabe então aqui a pergunta: “essa relação especial é algo mais que prestígio?”. É certo que, quanto a Cuba e à Hispano-América, a Espanha obteve prestígio internacional apoiando constantemente a idéia dos laços culturais e históricos, baseada no passado comum e numa perspectiva mais ou menos paternalista. Porém, também se comprova que as relações econômicas trazem um elemento que vai mais além do interesse da Espanha em aumentar seu prestígio. Existe um saldo positivo nas relações comerciais com Cuba que interessava não só ao setor empresarial espanhol, mas também ao próprio governo. Mostrar que possuía certa influência em Cuba e na região serviu para a Espanha provar que não era um Estado pobre em suas relações com o mundo, que seu passado colonial a colocava no mesmo nível que a França e a Inglaterra. Isso se evidencia também na idéia de autonomia que a Espanha poderia colocar em prática por meio de sua relação com Cuba: a Espanha mostra que Cuba é o país mais próximo dela entre todos os hispano-americanos, o de maior afinidade cultural devido à imigração, aquele com quem mantém relações econômicas vivas, apesar das diferenças ideológicas, e com o qual estabeleceu um diálogo político benéfico, tendo em vista o grau de independência que lhes conferiu a política externa²⁵⁴.

Por isso, Fuster Polvoreda discorda daqueles que dizem que a Espanha seguiu um alinhamento ou um “entreguismo” ideológico em matéria de política externa. A autora conclui que Espanha e Cuba mantiveram a relação especial, a qual se manifestou por meio do pragmatismo na política externa, apoiado por relações econômicas favoráveis a ambos, o qual permitiu que tanto Cuba quanto

²⁵² FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.39-40.

²⁵³ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.143.

²⁵⁴ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.144-145.

preferencialmente a Espanha pudessem realizar uma política autônoma²⁵⁵. A título de ilustração, durante uma visita a Madri²⁵⁶, Alexander Watson, subsecretário dos Estados Unidos para Assuntos Interamericanos, diante da aparentemente desproporcional atenção da mídia espanhola em relação a Cuba, perguntou nos meios diplomáticos se esse país era considerado um assunto interno para a Espanha.

Com isso em vista, Roy aponta que fazer um diagnóstico sobre as relações entre Espanha e Cuba é uma tarefa, no mínimo, complicada. Para ele:

A Espanha é um Estado europeu, mas com certa peculiaridade: uma estranha, paradoxal e pouco usual política exterior. Cuba, por seu lado, é uma nação latino-americana, mas também peculiar por estar sob o domínio marxista desde 1959 e com uma política externa especial que tem desafiado as análises da comunidade acadêmica.

A verdade é que Cuba nunca foi para os espanhóis uma espécie de Polônia do Caribe. Havana não é para Madri o mesmo que foi Bucareste, por exemplo, durante a Guerra Fria, e Castro não é o mesmo que um distante líder da Europa Oriental: é um galego²⁵⁷.

O autor afirma ainda que essa fidelidade não é somente mútua, mas histórica. Como foi dito acima, ao se tornar independente, Cuba foi o país da América Latina que recebeu o maior número de imigrantes espanhóis, majoritariamente galegos – caso do pai de Fidel Castro –, catalães, canários e asturianos²⁵⁸. Desde então, segundo Roy, as relações entre Espanha e Cuba funcionam em dois níveis: o oficial e o das relações interpessoais. Uma situação que ilustra a proximidade entre os dois Estados foram os resultados de uma pesquisa feita entre os cubanos, em 1994, que perguntava qual país era o melhor amigo de Cuba: a Espanha ocupou o segundo lugar, atrás do México. Os Estados Unidos foram considerados o pior inimigo por 77% dos entrevistados²⁵⁹. Na

²⁵⁵ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.146.

²⁵⁶ ROY, J. España y Cuba: una relación muy especial? **Anuarios CIDOB d'Afers Internacionals**, n.31, p.1, 1996.

²⁵⁷ ROY, J. España y Cuba: una relación muy especial? **Anuarios CIDOB d'Afers Internacionals**, n.31, p.1, 1996.

²⁵⁸ ROY, J. **La siempre fiel**: un siglo de relaciones hispanocubanas (1898-1998). Madri: Los Libros de la Catarata/IUDC/UMC, 1999. p.40.

²⁵⁹ ROY, J. España y Cuba: una relación muy especial? **Anuarios CIDOB d'Afers Internacionals**, n.31, 1996. p.2.

história oficial dos dois países, destaca-se um outro paradoxo: durante o governo do PSOE²⁶⁰, as relações foram menos fluidas do que Havana esperava, contrastando com a ausência de confrontações durante o governo de Franco.

Corroborando Roy, Georgie Geyer afirma que, durante o estágio formativo da Revolução Cubana, a “relação especial” manifestou-se em nível muito pessoal entre Franco e Castro, apesar de suas diferenças ideológicas. A autora também concorda que a admiração mútua entre os dois ditadores não se deu só por causa de suas raízes galegas: Franco admirava o antiamericanismo de Castro, e esse admirava tanto o líder espanhol, que chegou a declarar luto oficial em Cuba por uma semana após a morte de Franco²⁶¹. Também está documentado que Castro não gostava das piadas contra o falecido Franco e recriminava seus visitantes, dizendo-lhes “o galego portou-se bem”.

A “relação especial” da Espanha com Cuba e o “latente antiamericanismo”, segundo Roy, também falaram mais alto na decisão espanhola de não aderir ao embargo norte-americano contra Cuba, que deu à diplomacia franquista uma auréola de autonomia na Hispano-América. Esse boicote, feito por meio de um engajamento diplomático e econômico com Cuba, deu à Espanha o sentimento de “empatar o placar” – ao menos simbolicamente – com os Estados Unidos, pelo “desastre” de 1898. Nas palavras de Castro:

Entre Cuba e Espanha existem relações históricas, talvez as mais fortes que possam existir entre a Espanha e os demais países americanos que foram colônias espanholas (...), apesar dos agravos da guerra²⁶² e da influência do novo processo de colonização norte-americana. Entre Cuba e Espanha, mantiveram-se estreitos vínculos econômicos, técnicos e culturais, e, entre os povos cubano e espanhol, sólidos laços que abarcaram até os costumes comuns e as relações familiares. Inclusive, depois da separação formal entre Cuba e Espanha, dezenas de milhares de espanhóis fizeram de Cuba seu novo lar e sua segunda pátria. De fato, foram as raízes espanholas e a influência cultural da Espanha que ajudaram em parte ao povo cubano a resistir à penetração cultural norte-americana (...) Com os espanhóis, há muita coisa afetiva; não é só uma relação econômica, comercial. Há muito de subjetivo.²⁶³

²⁶⁰ Partido Socialista Operário Espanhol, que governou o país de 1982 a 1996.

²⁶¹ GEYER, G.A. Fidel and Franco: the Ultimate Odd Couple. **Wall Street Journal**, Nova York, 12 jul. 1991.

²⁶² Está referindo-se à guerra de 1898.

²⁶³ Entrevista de Fidel Castro para a Revista Nuestro Mundo, de Madri, em 1985. Citado por ROY, J. **Cuba y España: percepciones e relaciones**. Madri: Editorial Playor, 1995. p.60.

Castro recorda a permanência das relações hispano-cubanas durante o franquismo:

Com o triunfo da Revolução Cubana, esse conjunto de relações históricas possibilitou que se mantivessem entre os dois países amplos contatos, sobretudo econômicos, acima das óbvias diferenças ideológicas e políticas entre o governo revolucionário cubano e o regime do General Franco. Chama a atenção o fato de a Espanha ter rechaçado todas as pressões dos Estados Unidos para aderir ao bloqueio econômico e ao isolamento diplomático de Cuba. Isso comprova quão profundas são as bases que sustentam as relações hispano-cubanas²⁶⁴.

As identidades e os interesses comuns mostram-nos como a antiga colônia vê a realidade da Espanha e é vista por ela, como na forma com que o governo de Franco atuou com o de Castro, independentemente ou em relação ao resto da conjuntura do continente. A visão cubana da Espanha podia refletir também, por sua excepcionalidade, sentimentos que os demais países latino-americanos – que seguiram a pauta tradicional – não revelam explicitamente²⁶⁵.

A história tem algo a dizer com relação ao fato de Cuba ser conhecida na Espanha como “a sempre fiel”²⁶⁶. Por exemplo, Cuba se converteu em um dos poucos temas da política externa da Espanha para o qual não existia um consenso entre as formações políticas. Conclui-se, então, que se pode considerar Cuba como um assunto de política interna espanhola²⁶⁷. A grande imigração trouxe para Cuba pessoas das mais diversas categorias sociais, com diferentes interesses, e transformou Cuba numa “parte insular” da Espanha. Curiosamente, muitos desses imigrantes participaram da guerra de independência ao lado de Cuba, o que revela sinais inequívocos de que queriam fazer desse país sua própria pátria. Tal participação inclui também seus descendentes, como é o caso de José Martí²⁶⁸.

A migração continuou mesmo depois da independência. Os imigrantes sabiam que não estavam se dirigindo a um país estrangeiro, nem a uma ex-colônia, pois o sentimento dos cubanos em relação a eles era de total assimilação.

²⁶⁴ ROY, J. **La siempre fiel**: un siglo de relaciones hispanocubanas (1898-1998). Madri: Los Libros de la Catarata/IUDC/UMC, 1999. p.66.

²⁶⁵ ROY, J. **La siempre fiel**: un siglo de relaciones hispanocubanas (1898-1998). Madri: Los Libros de la Catarata/IUDC/UMC, 1999. p.66.

²⁶⁶ ROY, J. **La siempre fiel**: un siglo de relaciones hispanocubanas (1898-1998). Madri: Los Libros de la Catarata/IUDC/UMC, 1999. p.66.

²⁶⁷ Ver acima a menção a este assunto feita pelo político norte-americano.

²⁶⁸ Como vimos anteriormente, tomou parte ativa na guerra de independência e se tornou um dos mais venerados heróis de Cuba.

Até a década de 1930, Cuba se “espanholizou” mais ainda com a fundação de associações de imigrantes, instituições de ajuda mútua e câmaras de comércio que rivalizavam com as atividades comerciais norte-americanas. Muitos espanhóis adotaram a cidadania cubana, e, mesmo mais tarde, quando puderam obter a dupla cidadania, isso nunca foi visto em Cuba como uma traição. Em todas as épocas, a presença espanhola foi considerada não só uma realidade familiar, como um ingrediente da própria nacionalidade cubana. Nas palavras de Juan Pérez de la Riva, extraídas de seu livro *A República Colonial*: “os imigrantes pertencem ao passado, seus filhos fizeram nossa pátria socialista”²⁶⁹.

Até 1959 e depois dessa data, a visão cubana da Espanha incluiu uma ótica com um ingrediente espanhol notável. Essa visão assim filtrada trouxe uma idealização da terra onde nasceram seus ancestrais. A “mãe-pátria” tinha uma conotação especial em Cuba. Tratava-se do mecanismo contrário àquele fomentado nos Estados Unidos, cuja cultura migratória “obrigava” ao esquecimento e ao desdém em relação à origem e sobretudo à língua. Já a imagem espanhola de Cuba era a do lugar onde os imigrantes eram bem sucedidos – chamados de “indianos” ou “americanos”. Apesar do fascínio que a Revolução Cubana exercera entre alguns intelectuais espanhóis, o perigo de contaminação ideológica entre o regime cubano e os setores comunistas na Espanha estava neutralizado pelo eurocomunismo europeizante como alternativa à União Soviética, da qual Castro era fiel seguidor²⁷⁰.

Manuel de Paz-Sánchez afirma que, embora não confessassem publicamente, havia entre Castro e Franco uma mútua admiração, por motivos diferentes. Castro reconhecia a firmeza de Franco perante os norte-americanos. Franco, segundo fontes diplomáticas dignas de todo crédito²⁷¹, sentia uma especial fascinação por um trio significativo de líderes mundiais que compartilhavam um alto grau de maestria na arte militar da guerrilha, uma experiência traumática para

²⁶⁹ Citado por ROY, J. **La siempre fiel**: un siglo de relaciones hispanocubanas (1898-1998). Madri: Los Libros de la Catarata/IUDC/UMC, 1999. p.58.

²⁷⁰ ROY, J. A outra cara do embargo. **Envolverde website**, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.envolverde.com.br/colonistas/arquivo/C54502.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2004.

²⁷¹ Essas fontes são confidenciais. DE PAZ-SÁNCHEZ, M. **Zona de Guerra**: España y la Revolución Cubana (1960-1962). Santa Cruz de Tenerife: Taller de Historia, 2001.

os militares espanhóis no Marrocos como Franco: Mao Tse-Tung, Chou-en-Lai e Castro²⁷².

A atenção prestada a Cuba pode ser a chave da pergunta irônica feita por Alexander Watson ao deputados em Madri: se Cuba era um assunto interno da Espanha. A resposta deveria ser “sim”, pois, em primeiro lugar, para a maioria dos espanhóis, Cuba era um dos países latino-americanos mais queridos²⁷³; em segundo lugar, teve uma história singular e encarnou muitas esperanças na Espanha; terceiro, as fronteiras entre as políticas internas e externas dos dois países foram sempre pouco nítidas; quarto, as discussões acerca de Cuba estão permeadas por perspectivas ideológicas, as quais, na Espanha, convertem-se em um confronto interior.

Porém, não se deve perder de vista que a história sentimental entre Cuba e Espanha tem sua correspondência comercial e financeira. Dez anos depois da Revolução Cubana, o comércio entre os dois países estava equilibrado, mas, ao final do governo franquista, em 1975, havia uma notável vantagem para a Espanha: as exportações espanholas eram o dobro das importações de Cuba. Nesse ano, o comércio com a Espanha representava 6,5% de todo o comércio cubano, uma cifra somente superada pelo Japão no mundo desenvolvido.

Eric Baklanoff segue a mesma linha de Joaquín Roy, apontando as razões econômicas como variáveis explicativas para a relação Franco/Castro, porém permeadas por elementos identitários. Segundo Baklanoff, em outubro de 1960, sob o governo franquista, a Espanha, como outros países da Europa Ocidental, decidiu não participar do embargo americano a Cuba. Franco manteve a Iberia, empresa aérea estatal, como a única ligação direta entre Cuba e a Europa Ocidental²⁷⁴. Além disso, de tal época em diante, as relações econômicas da Espanha com Cuba caracterizaram-se por um comércio sempre crescente, por créditos oficiais e por investimentos diretos de firmas espanholas, como já foi

²⁷² DE PAZ-SÁNCHEZ, M. **Zona de Guerra**: España y la Revolución Cubana (1960-1962). Santa Cruz de Tenerife: Taller de Historia, 2001.

²⁷³ Miguel Barnet, imigrante espanhol em Cuba, em seu livro *Gallego*, fala da percepção espanhola de Cuba, por ocasião de sua visita à sua terra natal: “Na Espanha sempre se fala em Cuba. Antes por causa da saída dos imigrados como eu, agora por causa da Revolução. Por uma coisa ou por outra, o espanhol sempre tem Cuba em seus lábios”. ROY, J. **La siempre fiel**: un siglo de relaciones hispanocubanas (1898-1998). Madri: Los Libros de la Catarata/IUDC/UMC, 1999. p.57-58.

²⁷⁴ BAKLANOFF, E.N. **Circumventing the Embargo**: Strategic Context of Spain's Economic Relations with Cuba. Nova York: Praeger Publishers, 1978. p.3.

observado por Tamames. Baklanoff examina as iniciativas econômicas da Espanha levando em conta fatores estratégicos, como a visão da Espanha como um país com uma próspera economia de mercado e a política espanhola em relação às “Nações de sua Comunidade Histórica”.

Ainda com Franco, a Espanha experimentou um longo período de acelerado crescimento econômico e mudanças estruturais. Como resultado, tornou-se apta para cruzar a linha que separa os países menos desenvolvidos daqueles que possuem uma economia industrial de mercado, num período relativamente curto. Durante a década de 1950, a Espanha compartilhava características comuns com as nações menos desenvolvidas e semi-industrializadas da Europa Mediterrânea e da América Latina, tais como uma renda *per capita* relativamente baixa, a predominância de mão-de-obra sem qualificação, a maior quantidade de trabalhadores na agricultura, o atraso tecnológico e uma pauta de exportação dominada por produtos primários²⁷⁵. Na primavera de 1959, a erupção de uma severa crise de trocas no comércio internacional serviu para fortalecer o novo gabinete que procurava acabar com o isolamento da economia espanhola. Ele foi capaz de se sobrepor a Franco, aceitando as condições colocadas pelos credores internacionais. Como consequência, esses decisores liberalizaram o comércio internacional, promoveram o turismo, solicitaram e conseguiram créditos externos e construíram as condições favoráveis para atrair investimentos externos. Assim, entre 1959 e 1973, o PIB espanhol cresceu a uma taxa de 7.3% ao ano. Em 1974, a economia espanhola diferia totalmente da situação de 1960: o aumento da produção em termos reais foi significativo, e a expansão industrial quadruplicou, o mesmo acontecendo com o setor de serviços. A Espanha alcançou o nível econômico dos outros países da Europa Ocidental, com a renda *per capita* alcançando 81% da média européia.

Em 1974, a Espanha já possuía um respeitável mercado interno e havia assumido um papel de liderança econômica entre os países latino-americanos. Tinha-se tornado não só um grande exportador de bens manufaturados, como uma nova fonte de investimentos, de créditos e de tecnologia para essa região. Tendo atingido o *status* de uma potência industrial média, foi possível conjugar o que o historiador Fredrick Pike chama de “hispanismo prático” com o “hispanismo

²⁷⁵ BAKLANOFF, E.N. **Spain's Emergence as a Middle Industrial Power**. Washington, D.C.: American Enterprise Institute (AIE), 1985. p.32.

lórico”²⁷⁶, na sua busca de uma relação especial com suas antigas colônias. Capitalizando sobre suas afinidades linguístico-culturais, os investidores espanhóis tornaram-se parceiros audaciosos nos países da América Latina. Segundo Wayne Smith, os investimentos estrangeiros foram uma peça-chave para a virada econômica de Cuba²⁷⁷.

Porém, não se pode deixar de lado que, além da relação especial com a América Latina, a política externa da Espanha foi também influenciada pelo que Mujal-León chama de “latente antiamericanismo”²⁷⁸. Desde a Guerra Hispano-Americana, houve elementos da oficialidade espanhola – e aí se inclui Franco – que desenvolveram um enorme ressentimento pelo que se convencionou chamar “o golpe de misericórdia no império espanhol” dado pelos Estados Unidos. Baklanoff também se refere ao fato de que, por causa da vitória de Franco na Guerra Civil, Espanha e Estados Unidos não dividiram a experiência da Segunda Guerra, nem o período de reconstrução pós-guerra, tão importante para cimentar a Aliança Atlântica. O autor também chama a atenção para a “relação especial” da Espanha com Cuba – usando a expressão criada por Roy²⁷⁹ –, que se baseia em poderosos laços históricos e em estreitas afinidades. Nas palavras do próprio Roy:

Atuar em Cuba, além das razões humanitárias legítimas e das compreensíveis motivações econômicas, possui o irresistível ingrediente de algo que não se enquadra no esquema mental dos norte-americanos. Desde 1898, a Espanha oficial e a real vêm esperando, com mal dissimulada frustração, uma oportunidade para apresentar a fatura aos Estados Unidos²⁸⁰.

O autor conclui afirmando que as iniciativas espanholas em direção a Cuba são explicadas sob a perspectiva da transformação pela qual passou a Espanha franquista, que sai de uma situação de atraso para a prosperidade. Nas próprias palavras do líder espanhol: “considero que as contingentes questões políticas não

²⁷⁶ PIKE, F. Spanish-Latin American Relations: Two Centuries of Divergence and a New Beginning. In: WIARDA, H. (Ed). **The Iberian-Latin American Connection Implications for US Foreign Policy**. Boulder: Westview Press, 1986. p.61-96.

²⁷⁷ SMITH, W.S. The Cuban Disaster and the ‘Generation of 1898’. **Country Guide Study**, 1996. Disponível em: <<http://www.lupinfo.com/country-guide-study/spain/spain33.html>>. Acesso em: 24 fev. 2002.

²⁷⁸ BAKLANOFF, E.N. **Circumventing the Embargo: Strategic Context of Spain’s Economic Relations with Cuba**. New York: Praeger Publishers, 1978. p.3.

²⁷⁹ ROY, J. España y Cuba: una relación muy especial? **Anuarios CIDOB d’Afers Internacionals**, n.31, p.1, 1996.

²⁸⁰ ROY, J. España y Cuba: una relación muy especial? **Anuarios CIDOB d’Afers Internacionals**, n.31, p.21, 1996.

deveriam interferir no nexu histórico comum”. Por conseguinte, a Espanha manteve seu comércio com Cuba, alheia ao embargo decretado pelos Estados Unidos²⁸¹.

Em suma, podemos apontar as diretrizes gerais da política externa espanhola durante o período em foco:

1. A Espanha tinha obrigações históricas com a Hispanoamérica e não discriminava regimes políticos;
2. Por cultura e por tradição, a Espanha estava engajada definitivamente entre a Europa e a América;
3. A Espanha deveria cuidar de seu papel de amigo permanente e de fiador dos países e dos povos hispano-americanos, independente de quem governasse de um ou de outro lado do Atlântico;
4. A Espanha adotava, nessas relações, os princípios de interdependência, de continuidade, de não-discriminação e de comunidade²⁸².

Assim, a Espanha acreditava estar também apta a retomar a sua “secular missão americana”²⁸³ nos países de sua comunidade histórica.

4.3. Espanha e Cuba: relações especiais

Fuster Polvoreda, examinando as razões que geraram e que caracterizaram as relações entre Cuba e Espanha, pergunta-se se essa relação é mesmo “especial”, como muitos acadêmicos afirmam. A autora considera que, no final da guerra de independência de Cuba, constituíram-se certos fatores que marcaram o futuro das relações internacionais entre os dois países. Por exemplo, o antiamericanismo – que surge da intervenção norte-americana nessa guerra – estava presente no desejo

²⁸¹ HERNÁNDEZ, J.; CAUNEDO, S. España-Cuba: una historia de crisis y reconciliaciones. *Meridiano Ceri*, Madri, n.19, p.16-17, fev. 1998.

²⁸² SAHAGÚN, F. Cuba: un asunto interno español. *Meridiano Ceri*, Madri, n.10, p.4-5, ago. 1996.

²⁸³ PIKE, F. Spanish-Latin American Relations: Two Centuries of Divergence and a New Beginning. In: WIARDA, H. (Ed). *The Iberian-Latin American Connection Implications for US Foreign Policy*. Boulder: Westview Press, 1986. p.88.

de autonomia da política exterior da Espanha durante todo o século XX. O mesmo sentimento manifestou-se em Cuba, devido à situação de dependência neocolonial em relação aos Estados Unidos, que se instala no país após a independência, e, mais tarde, ao bloqueio econômico imposto à Cuba revolucionária.

Fuster Polvoreda considera que a independência da ilha teve conseqüências não só na política externa da Espanha, mas também no curso político e ideológico interno, além de ter modificado a perspectiva sobre a mãe-pátria por parte dos países hispano-americanos²⁸⁴. A autora afirma também que a independência de Cuba foi um fato muito mais marcante do que as de Porto Rico e das Filipinas, que ocorreram na mesma época, por três motivos: Cuba 1) era um “botim cobiçado pelos Estados Unidos”²⁸⁵; 2) possuía uma importante comunidade espanhola; 3) era a ex-colônia de maior dimensão que restara do antigo império espanhol.

Ainda no século XIX, a partir de 1843, já perdido o território continental, Estados Unidos e Inglaterra começam a cobiçar as Antilhas. A partir de 1845, os norte-americanos tentam comprar a ilha de Cuba, sem sucesso. Em 1852, por meio da Nota Everett, recusaram-se a assinar um acordo no qual se comprometeriam a não intervir ou tentar se apossar de Cuba. Com o início da primeira guerra de independência em 1865, os Estados Unidos começam a praticar uma política de fomento, entre os nacionalistas cubanos, do repúdio à Espanha. Desde então, as relações econômicas entre Estados Unidos e Cuba se multiplicam, em detrimento do comércio com a Espanha. O conflito, que durou dez anos e foi o precursor da Guerra de Independência de 1898, teve reflexos entre os espanhóis residentes na ilha, pois se deu uma separação ideológica – os contra ou a favor da Espanha. As fileiras dos nacionalistas cubanos conseguiram muitos adeptos oriundos desse grupo²⁸⁶.

²⁸⁴ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.7.

²⁸⁵ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.7.

²⁸⁶ Esta divisão ideológica reproduziu-se na colônia espanhola em Cuba durante a Guerra Civil, em 1936, entre republicanos e nacionalistas. FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.9.

Durante a Restauração espanhola (1874-1902), aconteceram os maiores enfrentamentos na ilha. Surgiu, nesse momento, a figura de José Martí, cujas teorias marcaram o processo de independência e também o modelo ideológico que caracterizou a peculiar relação Espanha/Cuba nos primeiros anos do século XX. Para Martí, a necessária separação da Espanha não representava renegar a cultura e a língua espanholas, assim como não se tratava “de expulsar de uma Cuba independente os espanhóis que garantiram a prosperidade do país”²⁸⁷. Esse pensamento, segundo a autora, foi importante ao se enfrentar o imperialismo norte-americano e permitiu uma aproximação das teorias regeneracionistas que surgiram na Espanha a partir de 1898²⁸⁸.

A autora afirma também que a independência de Cuba foi muito importante pois envolvia muitos interesses econômicos, tendo em vista a prosperidade da população *criolla* e uma preeminência da presença espanhola nos setores exportadores. Destaca também que esse processo não se limitou à independência de um povo, mas foi também “uma redistribuição colonial”²⁸⁹ entre as potências européias e os Estados Unidos.

Em relação ao pós-Guerra de 1898, Fuster Polvoreda deixa claro que se fortalece o hispanismo²⁹⁰ como um enfrentamento à influência norte-americana. Esse hispanismo teve um peso tão grande, que permitiu, no futuro, alianças entre Estados politicamente muito diferenciados. Além disso, apesar da vitória norte-americana na guerra com a Espanha, os vínculos comerciais entre Cuba e sua ex-metrópole mantiveram-se durante os primeiros anos do século XX, o que não aconteceu com outras ex-colônias espanholas. A razão disso foi o fato de que os norte-americanos tiveram interesse em manter a estrutura e a organização da sociedade cubana como premissa para a reativação dos mecanismos produtivos e

²⁸⁷ STRADE, P. José Martí: las ideas y la acción. *Estudios de Historia Social*, n.44-47, p.10-42, 1988.

²⁸⁸ A chamada geração de 1898 estava dividida entre os integristas e regeneracionistas. Estes últimos, inconformados e traumatizados com os acontecimentos daquele ano, desejavam a volta das glórias do antigo império, tinham o antiamericanismo como parte importante de sua doutrina, e, portanto, propugnavam um relacionamento estreito com os países da Hispano-América. Franco era um dos expoentes desse grupo.

²⁸⁹ FUSTER POLVOREDA, C. *El Pragmatismo en Política Exterior*: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.10.

²⁹⁰ Devemos notar que a autora se refere a hispanismo, que é uma identidade, nascida espontaneamente. Este hispanismo tem um sentido diferente da hispanidade, que é algo oficial e que foi usada pelos governantes espanhóis, incluindo Franco, como afirmam Pereira Castañares e Cervantes Conejo.

comerciais da antiga colônia e para colocá-la em função de seus interesses imperialistas. Pesa aqui o pensamento de José Martí, já citado, de que as relações com o “espanhol” não apresentavam um repúdio similar ao que se deu em outros países onde as populações autóctones eram numerosas, como Peru e Colômbia²⁹¹.

Mesmo assim, a importância do comércio com a Espanha foi decrescendo, à medida que a influência econômica norte-americana ampliou-se em Cuba. Em 1899, os Estados Unidos não possuíam o controle direto da mais importante produção do país – o açúcar –, nem dominavam os complicados mecanismos do sistema agroexportador e importador da ilha. Assim, até a Primeira Guerra Mundial, a capacidade competitiva e o predomínio de comerciantes espanhóis eram notáveis, tanto que as empresas espanholas ou que haviam sido financiadas pela Espanha gozavam de muitas regalias, como armazéns, portos de atracação, navios com excelentes pilotos, etc.

Com o sistema de protetorado e o tratado de reciprocidade, aumentou cada vez mais a dependência de Cuba em relação aos Estados Unidos. As grandes companhias norte-americanas acabaram com o sistema de pequenas propriedades criado pelo colonialismo espanhol, impondo também uma redução do custo da produção e reduzindo os salários, de modo que se tornou preferível a mão-de-obra dos negros haitianos e jamaicanos à dos *criollos*. Cuba tornou-se, assim, um Estado satélite dos Estados Unidos até a década de 1930.

Contudo, isso não significou uma redução substancial do fluxo migratório procedente da Espanha. A constante necessidade de força de trabalho para a construção de ferrovias e o fomento açucareiro determinaram a continuação da migração. Por seu lado, os comerciantes espanhóis tomaram medidas destinadas a frear a influência dos Estados Unidos, orientando seus esforços no sentido de vender matérias primas para o mercado norte-americano e incrementando a compra de produtos espanhóis. Com esse procedimento, buscavam vencer o esquema mercantil que a reciprocidade com os Estados Unidos impunha ao comércio cubano. Na verdade, a capacidade norte-americana de intervir política e comercialmente em Cuba – estabelecida pelo Tratado Permanente, ou Emenda Platt, e por meio dos dispositivos da Doutrina Monroe – impedia cada vez mais as

²⁹¹ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.12.

possibilidades de expansão comercial, política e cultural da comunidade espanhola.

Na Espanha, surge, com a perda do Império, uma corrente ideológica que colocava a necessidade de “adicionar uma dimensão americana ao que até então significava Espanha”²⁹², ou seja, incluir no “espanhol” sua vertente americana, fruto de uma língua e de um passado comum. Este hispano-americanismo é a consequência da tendência regeneracionista, que surge na Espanha e que tende à modificação dos valores do passado, os quais, segundo os ideólogos dessa corrente, teriam contribuído para a perda das colônias. Tal tentativa de aproximação com a Hispano-América estava muito próxima à ideologia liberal e antioligárquica, que possuía uma pretensão de liderança e de tutela moral e espiritual da Hispano-América por parte da Espanha, somada à tendência de frear o ideal pan-americano dos Estados Unidos²⁹³. Porém, esse hispano-americanismo – carregado de intenções pomposas e pouco realistas – teve escassa ressonância nos meios oficiais espanhóis e se manteve apenas dentro de um círculo de intelectuais até o advento da Segunda República, em 1931, quando se busca uma formulação da política exterior mais realista com a Hispano-América. Contudo, os problemas internos que se sucedem na Espanha durante esse período e que desembocaram na Guerra Civil impediram o desenvolvimento de tal política, e, no caso de Cuba, foi ainda mais ineficaz pela influência norte-americana. Assim, apesar de que, após a independência, tivesse acontecido uma distensão entre Espanha e Hispano-América – devido ao fato de a Espanha ter deixado de ser vista como a potência opressora e colonialista, da imigração e das iniciativas culturais –, no plano das relações políticas e econômicas as relações foram escassas²⁹⁴.

Os regeneracionistas, desde o início do século, estavam conscientes da importância do fator econômico como via para se concretizar o ideal hispano-americanista. Ainda que as exportações espanholas para a Hispano-América

²⁹² FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.14.

²⁹³ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.14.

²⁹⁴ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.15.

fossem de pouca monta, Cuba absorvia um terço delas²⁹⁵, e, na década de 1920, é firmado um tratado comercial entre os dois países. Além disso, é dado um impulso às relações diplomáticas com a região com a criação de uma seção específica para a América no Ministério de Assuntos Exteriores, com clara orientação hispano-americana. Nessa época, desenvolve-se dentro dessa ideologia regeneracionista um setor conservador, ultranacionalista e reacionário. Tal tendência “rememorava as grandezas do império e pensava criticamente a sua perda, dando impulso à idéia da Cruzada e da Monarquia Católica”²⁹⁶. Com a Segunda República, liberal e regeneracionista, a retórica se afasta do discurso oficial e se introduz uma maior colaboração política, cultural e econômica nas relações Espanha / Hispano-América. Porém, os problemas internos impediram a continuidade dessas políticas, e o governo espanhol teve que se concentrar no que logo se tornaria uma guerra civil, que implantou o regime autoritário na Espanha.

Chama a atenção o fato de que, no período republicano, as relações externas da Espanha com os diferentes Estados hispano-americanos variavam segundo seu regime político. No caso de Cuba, como se tratasse de uma ditadura na qual tinha grande peso a elite econômica conservadora, as relações sofreram um retrocesso, voltando a se normalizar apenas no período franquista²⁹⁷.

Fuster Polvoreda destaca algumas idéias que marcaram os acontecimentos posteriores entre Espanha e Cuba, a saber:

1. Foi conferido um certo simbolismo tanto econômico quanto intelectual e político ao fato de Cuba ter sido a última colônia a se separar;
2. Os Estados Unidos aparecem aqui como a potência usurpadora e imperialista que vai frear as relações comerciais Cuba/Espanha;
3. Surge na Espanha um sentimento antiamericanista, que reúne liberais e conservadores e que terá um peso decisivo por ocasião da chegada da revolução castrista e suas relações com o regime de Franco;

²⁹⁵ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.16.

²⁹⁶ DEL ARENAL, C. La Comunidad Iberoamericana de Naciones, pasado, presente y futuro de la política iberoamericana de España. Madri: Cedeal, 1992.

²⁹⁷ Fica aqui claro o contraste entre o pragmatismo de Franco e as razões políticas dos republicanos em política exterior. FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.17.

4. O peso da imigração espanhola em Cuba é muito importante, porque mantém a cultura espanhola, e essa comunidade era a via de acesso para a influência ideológica alcançar tanto o setor conservador quanto o progressista;
5. A interdependência entre os dois Estados era cada vez mais evidente diante da internacionalização das economias e do novo imperialismo que repartia os territórios da Ásia, da África e da América. Cuba não se tornou independente da Espanha; apenas mudou de potência colonial, já que o novo sistema exercido pelos Estados Unidos, o neocolonialismo, significava na prática uma dependência quase completa de Cuba com sua nova “metrópole”²⁹⁸. Os Estados Unidos, graças ao tratado de reciprocidade e ao tratado permanente firmados com Cuba, intervêm nos assuntos cubanos econômica e politicamente. As relações econômicas entre Espanha e Cuba vão se mantendo com altos e baixos, apesar da presença norte-americana.

A partir daí, e com esses elementos em jogo, as relações Espanha/Cuba passam por mudanças importantes com a chegada do regime franquista e da revolução castrista. Durante esses dois regimes tão díspares, aparecem mais claramente os elementos anteriormente definidos, a favor de um incremento das relações entre os dois Estados²⁹⁹.

A Guerra Civil teve seu reflexo na Hispano-América. Surge aí um elemento importante: o imigrado. Em Cuba, encontramos dois setores representativos dos grupos em contenda na Espanha, e a importância disso na vida política da ilha relaciona-se ao fato de que a Guerra teve maior impacto ali, onde a comunidade espanhola era mais numerosa. Ambos os grupos eram formados por espanhóis e por cubanos. Além disso, um dos legados mais importantes da Guerra Civil para Cuba foi a influência dos veteranos que lutaram na Brigada Internacional e que trouxeram consigo o desejo de luta contra as tendências conservadoras. Esse foi o

²⁹⁸ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.18-19.

²⁹⁹ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.19.

motivo das revoltas do final da década de 1940 na ilha, que também contribuiu para criar um sentimento de oposição que acompanhou a batalha de Fidel Castro e sua chegada ao poder³⁰⁰. Um dos exemplos da influência desses exilados espanhóis na Revolução Cubana foi Alberto Bayo Giraud, que foi instrutor dos revoltosos e, posteriormente, ocupou importante cargo na diplomacia de Castro³⁰¹.

A partir de 1939, instala-se na Espanha o regime de viés fascista e nacionalista de Franco. O governo cubano não reconheceu o governo republicano no exílio. Dessa forma, ficava livre para agir extra-oficialmente a favor dos nacionalistas, apoiados pelas elites cubanas, pelos grandes comerciantes e pelo clero, composto quase exclusivamente por espanhóis. A pressão que esses setores fizeram sobre o governo resultou na retomada dos contatos comerciais com a Espanha franquista e na normalização das representações diplomáticas entre os dois países. Os interesses econômicos falaram mais alto na tomada de decisão do governo cubano. As corporações comerciais cubanas solicitaram ao governo, em 1939, a normalização das relações comerciais com a Espanha, diante da crise que estavam passando os setores do café, do tabaco e do álcool. Em maio de 1939, o governo cubano reconheceu o regime de Franco³⁰².

Porém, somente com o golpe de Batista instaurando a ditadura em Cuba (1952), conseguiu-se a normalização das relações, assinando-se o mais importante acordo comercial até então entre o regime de Franco e um país hispano-americano (1953). Essa época, como visto nos capítulos anteriores, foi a mais dura para a Espanha: o isolamento internacional, a repressão interna, a economia autárquica e a enorme pressão ideológica do regime. Com isso, a margem de ação espanhola na política exterior ficou muito reduzida. Segundo Espada Burgos:

³⁰⁰ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.21-23.

³⁰¹ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.24-25.

³⁰² FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.27-28.

[A] Hispanidade, como afirmação ideológica e como veículo de propaganda, foi um dos poucos canais de projeção exterior que restaria ao regime durante os anos de isolamento imposto pela condenação internacional³⁰³.

O regime franquista tentou, por meio da hispanidade, conseguir o espaço internacional que havia perdido. A ideologia nacionalista de engrandecimento do império era a via por meio da qual se impulsionaria essa tentativa. A Falange incorporou e remodelou a idéia de hispanidade, destacando a vontade imperial do Estado espanhol como eixo espiritual do mundo hispânico. A tendência centrou-se não só numa transmissão cultural e propagandística do regime, mas também se completou com uma unidade política que tinha a Espanha como eixo vertebrador. O viés fascista do regime levou-o ao nacionalismo expansionista, que enfrentou, na Hispano-América, o pan-americanismo dos Estados Unidos, considerado pelos falangistas como “usurpador”³⁰⁴.

Durante os anos imediatamente anteriores à Segunda Guerra, essa ideologia fortemente imperialista e nacionalista expansiva teve importância crescente. A idéia da Espanha como ponte entre a Hispano-América, a Europa e as outras potências estava intimamente ligada a essa versão tradicional/conservadora do Hispano-americanismo. O intervencionismo norte-americano era visto como um inimigo da idéia de hispanidade e do papel de legítimo mediador que a Espanha pretendia representar. Cuba representa, nesse contexto, a colônia perdida por essa Espanha e arrebatada pelos Estados Unidos³⁰⁵.

Em suma, podemos afirmar que o elemento cultural teve, para os autores discutidos neste capítulo, a função de reforçar os laços Cuba/Espanha no período em foco, mas, além de tal fator, observa-se o interesse do governo de Franco em abrir novos mercados para os produtos espanhóis. Assim, fica claro que observar a manutenção das relações apenas pelo antiamericanismo e pela hispanidade traz uma visão limitada do tema, porque não leva em consideração a flexibilidade característica do pragmatismo franquista, que permitiu à administração do líder

³⁰³ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.29.

³⁰⁴ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.30.

³⁰⁵ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.30.

espanhol adaptar-se às circunstâncias internacionais e salvar a Espanha da crise econômica.